

A posição do Docente Universitário face ao deslocamento da autoridade na Era Pós-moderna

Jaqueline Sousa Silva
Maria Celeste de Moura Andrade- Orientadora

Resumo: O presente artigo, apresentado como requisito para conclusão do curso de Pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá, visa refletir sobre a posição do professor inserido no Ensino Superior frente ao exercício da autoridade docente. Esta autoridade, tão controversa na pós-modernidade, teria se deslocado ou se perdido em meio às novas perspectivas de subjetivação na contemporaneidade? Este questionamento, oriundo de uma discussão em sala de aula do referido curso, constituiu a base de reflexão que originou o artigo e que suscitou várias controvérsias face à complexidade do tema. Além da pesquisa bibliográfica, foi feito um estudo de caso a partir dos depoimentos registrados no debate. O estudo foi fundamentado em autores da perspectiva Pós Crítica em Educação: Deleuze (1992); Gallo (2003); Pereira (2004; 2009); Pereira, Paulino & Franco (2011); Silva (1990; 1991), buscando no pensamento de Foucault (1997; 200, 2004) convergências entre a função autor e educador; e as interfaces das relações saber/poder na educação. A abordagem analisa o deslocamento do foco e das perspectivas da autoridade docente e as possibilidades do professor tomar posse de si, da sua autoridade, sob o risco de sofrer as consequências da angústia gerada pelos deslocamentos de poder no exercício de sua função.

Palavras chave: autoridade/autoria, docência universitária, subjetividade docente, contemporaneidade, poder.

Abstract: This paper, requirement for conclusion of the postgraduate course *latu sensu* in University Teaching of Uniaraxá, aims to reflect about the condition of the university teacher dealing with authority teaching. This authority, that is compromised, would have been displaced or lost amid the strength of liberty and subject autonomy in an egalitarian system of the contemporaneity? The interest about this subject comes up after a debate in class that raised many questions and controversies front the complexity of this issue. Besides the bibliographic research, a case study was done based on the statements registered during the debate. The search was based, especially on authors of the Post Critical perspective in Education: Deleuze (1992); Foucault (1997; 200, 2004); Gallo (2003); Pereira (2004; 2009); Pereira, Paulino & Franco (2011); Silva (1990; 1991). The appoa-

ch confirms this displacement and to reduce this agony the teacher needs to focus himself, his authority.

Keywords: authority/authorship, teacher subjectivity, university teaching; contemporarity, power.

Introdução

Começamos essa discussão através do que nos fala Foucault sobre os discursos literários:

Mas os discursos “literários” não podem mais ser aceitos senão quando providos da função autor: a qualquer texto de poesia ou de ficção se perguntará de onde ele vem, quem o escreveu, em que data, em que circunstâncias ou a partir de que projeto. (FOUCAULT, 2001, p. 277)

Embora este não se trate de um discurso “literário”, sentimo-nos instigados pela necessidade de apropriar da “função autor”, tal como mencionada por Foucault (2001), quando o coloca localizado “na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser”. (FOUCAULT, 2001, p. 274). Ao fazê-lo nos apropriamos também, das palavras de Gallo (2003, p.10) quando, em seu livro “Deleuze & a Educação” coloca que suas escolhas para escrevê-lo, foram marcadas pelos seus problemas, seu olhar e os vários encontros com a obra do autor que deu título ao livro. Nos sentimos como ele ao afirmar que certamente se fosse outro a escrever este pequeno texto, as veredas escolhidas teriam sido outras, pois a reflexão que se segue resultou do confronto de vários discursos: dos autores que serviram de inspiração, dos depoimentos de colegas de curso, entrecruzando-se com o modo singular de ser, com os olhares e os problemas vivenciados por quem o escreve.

O desejo de debruçar sobre o tema “Autoridade do docente” surgiu durante as aulas da disciplina “Fundamentos e Concepções Epistemológicas da Prática Educativa no Ensino Superior” ministrada pela Profa. Dra. Maria Celeste de Moura Andrade dentro do curso de Pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá. Quando este tema foi abordado na sala de aula, suscitou imensos questionamentos e controvérsias frente à complexidade do mesmo. Tivemos a oportunidade de compartilhar nossas experiências pessoais e profissionais acerca do assunto, numa diversidade imensa de situações e opiniões.

Como participantes de uma Pós-graduação em Docência Universitária cujo objetivo é propor uma formação continuada de professores já atuantes ou candidatos a exercê-la, e considerando toda a experiência enquanto alunos, nos vimos incomodados com o impasse e o incômodo que o tema despertou no grupo face ao posicionamento do docente diante da própria função, no que diz respeito ao exercício da autoridade professoral. Juntamos então nossos questionamentos pessoais aos dos colegas do curso, alguns deles já vivenciando a experiência da

docência universitária. No contexto do ensino superior, supostamente com características tão diferentes do ensino básico, como se situa a questão da autoridade do professor? O sintoma de crise da docência na sociedade contemporânea também chegou à Universidade? Por que uma profissão tão importante tem sido tão desvalorizada tanto pelos discentes quanto pela sociedade como um todo?

Segundo Pereira (2009), problemas contemporâneos como a falência das instituições sociais, o aumento da violência e criminalidade urbanas e a perplexidade de projetos educacionais frente à diversidade cultural estão associados a uma crise de autoridade, a um declínio nos valores tradicionais e à deposição da sociedade patriarcal. No ambiente educacional, o declínio docente parece se alinhar com o declínio do Pai, uma vez que o conceito de autoridade se perdeu em meio ao mundo moderno, e coloca:

O professor parece se situar entre uma moral disciplinadora imposta pelos tempos modernos e uma insurreição de atos subversivos, ditada pela contemporaneidade. Ambas o aturdem. Cada vez mais, ele conhece o peso de seu destino mortal na experiência cotidiana (...) de um lado sua função professoral não o diferencia dos demais irmãos de uma sociedade republicana de iguais – iguais em sua condição de insuficientes, mortais e precários-, do outro, o professor necessita deslocar-se da massa fraterna, diferenciar-se dela e bancar-se imaculado, modelar e exemplo de grandeza para a imberbe geração que a ele se subordina. (PEREIRA, 2009, p. 24).

A Educação está em crise é o discurso corrente! Alunos não respeitam os professores e os professores não respeitam os alunos. Professores se queixam das condições precárias de trabalho, da burocracia do sistema de ensino, dos entraves das relações hierárquicas neste ambiente, do conflito das gerações, do desprestígio da profissão, da relação conturbada com os alunos, das novas configurações familiares, entre tantas outras queixas. Os alunos, cada vez mais desinteressados, veem a escola como um lugar não muito atraente e bastante antiquado, num descompasso sem fim com os tempos modernos. Alunos e professores se perderam em um discurso circular que só faz crescer um mal-estar que é geral, que está circunscrito desde a educação básica até o ensino superior, e vale ressaltar que este mal-estar antecede os muros da escola, está incutido nas relações familiares atuais. Vive-se um momento em que a expressão popular “*Ninguém é de ninguém*” define bem o “jogo educacional” que acontece na contemporaneidade, onde o aluno não tem autonomia e o docente não tem autoridade, onde esse “faz de conta” que ensina e aquele “faz de conta” que aprende.

Considerando o atual cenário da educação, o presente artigo tem por objetivo refletir sobre as representações do professor inserido no Ensino Superior face ao exercício da autoridade docente. Esta, aparentemente determinante na relação aluno-professor, parece estar perdendo seu lugar, quando a própria função docente é questionada e a profissão desvalorizada pela sociedade contemporânea.

A abordagem metodológica foi qualitativa e o instrumento um estudo de caso a partir do registro de depoimentos de alunos/docentes e ou candidatos a

docente do ensino superior, participantes no debate sobre o tema no Curso de Especialização em Docência Universitária. O estudo foi fundamentado em autores da perspectiva Pós Crítica em Educação: Deleuze (1992); Gallo (2003); Larrosa (2002); Pereira (2004; 2009); Pereira, Paulino e Franco (2011); Silva (1990; 1991), buscando no pensamento de Foucault (1997; 2001) convergências entre a função autor/educador; e as interfaces das relações saber/poder na educação.

1. Discussão

1.1. Autoridade/Autoritarismo/Autoria

É amplo o discurso sobre autoridade, embora muitas vezes o termo apareça de forma distorcida e pejorativa. O que se constata é a ambiguidade e complexidade do conceito, principalmente no que se refere à Educação. Quando se trata de *Autoridade*, na maioria das vezes a palavra é associada a *Autoritarismo*, como se fossem palavras sinônimas. Segundo Pereira, Paulino e Franco (2011), a palavra de ordem do momento é “Democracia”, que, erroneamente, é colocada como conceito antagônico à autoridade, sugerindo que onde uma está não cabe a outra. Tratar da importância da autoridade do docente soa como algo um tanto conservador, não combinando nada com o discurso da sociedade atual onde a liberdade seria o mote principal. Sendo assim, faz-se necessário estabelecer, de início, a diferença de percepções sobre autoridade e autoritarismo.

O autoritarismo tem como base um sistema hierárquico onde regras são impostas, o regime é determinado do alto e o diálogo não existe, de modo que o sujeito se torna submisso. No contexto escolar, o conhecimento é imposto ao aluno, o professor, enquanto “detentor” do saber, é quem escolhe o que deve ser estudado, não abrindo espaço para críticas. Nesta perspectiva o ensino é vertical, determinado por alguém que está acima. Já a autoridade não é imposta, considera o outro e dá voz a ele, as regras são construídas em um consenso. No contexto escolar, o conhecimento é construído por alunos e professores, enquanto produtores do saber, e ambos escolhem a prioridade do que deve ser estudado, pois é aberto o espaço às críticas.

Recorrendo ao dicionário “Houaiss da Língua Portuguesa” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO 2001, p.352) encontramos as seguintes definições para a palavra autoridade, dentre outras: “1 direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, de se fazer obedecer 2 superioridade derivada de um status que faz com que alguém ou algo tenha esse direito ou não”. Estas definições, aplicadas ao campo da educação, estão ligadas às relações de poder, a um respeito externo, algo de fora para dentro. Exemplificando, é quando o professor, em determinada situação, diz: “Eu sou o professor aqui, portanto sou eu quem manda”. Podemos mergulhar um pouco mais, e o mesmo dicionário continua delimitando os espaços da autoridade: “*especialista de reconhecido mérito em dado campo de conhecimento*”.

O verbetefala de uma autoridade que está socialmente colocada, uma autoridade legitimada externamente. No caso, o professor enquanto especialista de reconhecido mérito em um determinado campo (é o que aparece nas falas de alunos ou professores ao se referirem a seus mestres ou colegas como aquele que sabe demais, que tem a autoridade do saber) ou tem esta autoridade reconhecida, comprovada por uma titulação, por uma instituição autorizada (é especialista, mestre ou doutor em determinada área do conhecimento). Estes exemplos são correntes sobre autoridade na circularidade do discurso pedagógico e nem sempre coincidentes, ou seja, nem sempre a titulação corresponde ao reconhecimento tácito dos discentes a respeito da competência do docente.

Este artigo se propõe a ampliar o enfoque sobre autoridade docente, desbravando uma perspectiva de autoria inspirada nos estudos de Michel Foucault, pois, parafraseando Carvalho (2011, p. 9) “(...) temos ciência de quanto o pensamento de Foucault foi e é fecundo no tratamento dos processos de subjetivação do sujeito que se processam nos ambientes escolares, em meio às relações saber/poder”. Os estudos de Foucault sobre a função “autor” se referem à autoria literária, que buscamos estender à autoria pedagógica. Neste contexto a autoridade do professor viria como consequência de um reconhecimento por sua condição de ser Autor. O professor como autoridade educativa, seria como Autor um “fundador de discursividades”; ou um provocador de “circularidades discursivas” em ambientes e processos de constituição dos sujeitos.

Autor, segundo o Dicionário Houaiss (2001, p.351), seria “aquele que origina, causa algo, indivíduo responsável pela invenção de algo; inventor, descobridor”. Segundo Foucault (2002), seria aquele que toma para si o discurso, se apropria deste e, no nosso caso em estudo potencializa discursividades nos sujeitos aprendentes.

O discurso da desautorização docente coloca em cheque a função Autor do professor, que não consegue sustentar sua autoridade não só em sala de aula, mas também na sociedade de um modo geral. Para Pereira (2009) tal discurso é um fenômeno contemporâneo que envolve a desmoralização e desvalorização do docente, que teve sua profissão historicamente acometida de considerável desgaste intelectual, cultural e econômico.

1.2. Uma breve história sobre o deslocamento da autoridade docente

No período que antecede o movimento Iluminista, o conhecimento era considerado “artigo de luxo” e condição exclusiva da nobreza. No século XVIII, com a chegada deste movimento, as reformas religiosas e revoltas republicanas, houve uma valorização do processo educacional na sociedade que acarretou a criação das escolas. Pereira (2011) coloca que, como urgência do século XIX, se espalhou a ideia de uma escolarização republicana e racional, compilando também a população de baixa renda -nômades, marginais, dentre outros- e para isso, foi necessário oferecer uma educação de baixo custo, no intuito de resolver parte desse problema.

O autor reitera:

Introduz-se, pois, uma maquinaria pedagógica com fins de normalização desse quadro novo e complexo. Através da escola viu-se a possibilidade de moldar cientificamente hábitos morais e produzir uma sociedade cada vez mais disciplinada e civilizada. Não é difícil imaginar que tal empreendimento só poderia ser levado a cabo mediante aplicação de técnicas panópticas polivalentes, baseadas num sistema de vigilância, prêmio e castigo. (PEREIRA, PAULINO & FRANCO 2011, p. 23)

Nestas circunstâncias era fundamental manter o professor com imagem moralmente imaculada, casto, rigoroso e superior às massas que se encontravam às margens da sociedade e seriam transformadas por este ser cândido através de um “adestramento mecânico”. Vale ressaltar que o termo “panóptico” mencionado acima, refere-se a um projeto prisional do século XVIII em que os prisioneiros eram observados do alto de uma torre central, sem ver, necessariamente, quem os observava. Foucault (1997, p.165), afirma que o panoptismo é uma técnica de poder do “quadriculamento disciplinar” que utiliza de processos de individualização para marcar exclusões, dividindo a sociedade em “normais” e “anormais”, estes eram excluídos na tentativa de discipliná-los num espaço de internamento, e aqueles seguiam as normas e podiam ser controlados. Ao mesmo tempo em que se considera o indivíduo com sua autonomia e liberdade, ele só é “aceito” se for passível de “adestramento”.

Nos séculos que se seguiram, XIX e XX, a demanda das escolas foi aumentando, surgindo a necessidade de um número maior de professores, a solução foi a popularização da profissão, uma vez que, à classe trabalhadora foi imposta a produção de mestres, deixando de ser condição exclusiva da elite. Considerando que a partir deste momento, a origem do professor deixou de advir somente das famílias de classe social alta, mas se originou também das famílias pobres, bem como seus alunos, a proximidade entre alunos e professores foi inevitável e a dificuldade em manter a imagem autoritária do professor, também. Visto mais de perto, o professor tem defeitos, medos, angústias, dias bons e ruins, acertos e erros, visto de perto o professor passa a ser mais um “mortal”. Tal “mortalidade” oriunda do ideal da educação das massas para a constituição do estado moderno projeta o professor entre duas forças substanciais: a necessidade de se manter como “senhor da tradição”, aquele que é referência intelectual e superior aos demais, e aquele que se nivela às massas para educá-las com direitos igualitários num ideal de democracia.(PEREIRA, 2009)

1.3 A “desidentificação” do docente

O professor que nos séculos anteriores era considerado figura de referência e se encontrava localizado num “pedestal”, na modernidade passa a ser só mais

um em meio à multidão, no chão. A modernidade e o discurso da democracia arrancam o professor desta posição, deixando-o sem direção.

Para Pereira, Paulino e Franco (2011) a pedagogia moderna visa abafar as diferenças em prol de um mundo de iguais, uma vez que, professores e alunos são vistos cada dia mais como semelhantes. Apontam que o fato de os professores da atualidade serem chamados em diversas circunstâncias de “orientadores”, “facilitadores”, entre outros termos, é na verdade uma tentativa de “docilizar uma diferença que já está posta na origem: a diferença entre mestre e não mestre”. (PEREIRA, PAULINO e FRANCO 2011, p. 26).

Abandonado à própria sorte, neste imperativo da prática modernizadora, em que não existe diferença entre aluno e professor e todos são iguais, o docente se adéqua a um discurso afetivo ou do “igualar-se de condições”, para sobreviver. O professor cria um laço afetivo, propõe acordos, é sedutor - no sentido de atrair, cativar, conquistar - para que possa exercer (ou tentar exercer) seu papel, Pereira (2001 p.26) afirma que “Na realidade, ele sela o destino ao qual foi induzido de sermos todos iguais”. Como na sociedade moderna nada é de graça, tal ato tem o seu preço: ao se apresentar enquanto autoridade perante seus alunos, usando dos recursos da sedução, da afetividade, entre outros, o professor cai num “cinismo social”, num paradoxo e corre o sério risco de sofrer confronto e oposição de quem o “ouve”.

Pereira (2011), ainda pontua:

se pudermos driblar a atual crise política da autoridade, é possível que possam alongar sua sobrevivência por um tempo maior que o insuficiente. Porém isso não os tira propriamente da precariedade do seu cotidiano. Nem mesmo uma esmerada formação pode ser tida como garantia de alguma redenção. (PEREIRA, 2011, p.26)

Seria então a modernidade o algoz da Educação e com ela da autoridade educativa? Numa busca por esta sobrevivência, tendo que criar seus próprios recursos para seu socorro, o docente se deixa envolver pelo discurso circular do qual não se chega a lugar nenhum. Discurso este que o faz endossar e se acomodar na condição de vítima, uma vez que não sabendo seu lugar, deixar-se ser engolido pelo sistema, embora não resolva seus problemas, “exime” sua responsabilidade e ameniza sua angústia. A “culpa” também é dele! O professor também deve ser responsabilizado por esta crise de autoridade vivenciada pela classe, embora tenha tido sua localização descentralizada pela contemporaneidade e ainda não tenha se encontrado (ou não tenha procurado se encontrar).

Com seu paradoxo inerente à atualidade (vagando sozinho entre o “pedestal” e o chão), sua autoridade “boicotada” e sua angústia circunscrita, ao docente “vitimizado” cabe lamentar-se pelo seu destino trágico. Esta visão romântica da Educação reforça a ideia de um paraíso perdido que um dia já funcionou. Segundo Silva (1991), o resgate da dignidade do docente se dará através da superação da lamúria e da pura denúncia, e observa que quem não estiver contente, que mude de emprego! Substituiremos todos os insatisfeitos! “Na ótica dos do-

nos do poder o papel social do professor oscila entre *nada* e coisa *nenhuma*: um mero objeto a ser trocado ao sabor do acaso.” (SILVA, 1991 p.17)

É preciso que o docente se liberte desta posição “objetal”, se “reidentifique”, se redescubra dentro da profissão, redescubra sua função Autor, enquanto sujeito mobilizador de outras subjetividades. Foucault (2001, p.269), referindo-se à obra (literária) coloca que esta “que tinha o dever de trazer a imortalidade recebeu agora o direito de matar, de ser assassina do seu autor”. Para poder ter voz, o professor precisa morrer como indivíduo e se legitimar enquanto autor: aquele que se apropria e se apodera de si mesmo, exercendo seu papel num discurso genuíno.

1.4 Subjetividade e angústia do docente universitário

O docente se insere no Ensino Superior, de modo geral, devido ao reconhecimento (por uma titulação) de seu saber em um conteúdo específico, (muitas vezes sem uma formação pedagógica e/ou experiência comprovadas), considerando como preocupação apenas ensinar o conteúdo específico de sua área de conhecimento. Essa visão tecnicista de reproduzidor de conteúdos amplia as chances de se entrar num processo de “cinismo social” de desautorização docente que começa a partir do próprio professor.

O aluno contemporâneo chega à Universidade com infinitas possibilidades de conhecimento devido aos dispositivos tecnológicos e vê o professor como um mero fator burocrático do processo de profissionalização. Não o vê como autoridade, como Autor, e nem a si próprio, assujeitado que é pelo discurso raso da modernidade simplificadora, e pelo modelo “copia e cola” da produção do “saber” veiculado pelo Google. Como lidar com este aluno que chega tão fragilizado e perdido à universidade e figura ao mesmo tempo como vítima e agente da desautorização docente. Silva (1990) aborda o abismo existente entre os professores dos ensinos fundamental e médio e professores do ensino superior. Para ele, a universidade se transformou em uma torre de cristal, rodeada por muralhas intransponíveis e que não fala a mesma língua dos professores da educação básica. O aluno chega para habitar terras desconhecidas e muitas vezes o seu guia não está preparado para tal expedição e corre-se o risco deste, fadado pelo desespero, cometer um genocídio:

Quando o médico erra, mata um só paciente. Quando o professor erra, congela a consciência de trinta, quarenta, cinquenta ou mais indivíduos. Se o congelamento ou embotamento da consciência for tomado por uma barreira à existência autêntica, então se pode inferir que o erro pedagógico também é um instrumento mortal. (SILVA, 1990, p. 22)

Para não correr o risco de cometer tal barbárie, o docente universitário deve transcender o tecnicismo da sua área de competência específica, deve se re-

conhecer enquanto Autor, se atentando também para as questões peculiares da condição docente. E para isso é preciso coragem. Nietzsche (2000), usando a figura de um viajante provoca:

Ao se perguntar a ele quais traços comuns havia encontrado nos homens, o viajante, que havia visto muitos povos e países e muitas partes do mundo respondeu: têm uma tendência geral à preguiça. Alguns pensaram que pudesse ter explicado melhor e com mais certeza: todos são covardes. Ocultam-se atrás de seus costumes e opiniões. (NIETZSCHE, 2000, p. 25)

No âmbito da educação, podemos considerar como covardia o ato de se anular enquanto sujeito, tomar para si um discurso rasteiro do Sistema Educacional. Podemos considerar como covardia, o ato de o professor não se nutrir de si, usando apenas o autoritarismo como recurso ou negligenciando sua função docente usando de estratégias vazias de sedução afim de puramente sanar sua angústia, seu vazio professoral. A perspectiva foucaultiana nos oferece ferramentas que contribuem para a busca de novas práticas de liberdade no cotidiano escolar. O cotidiano escolar é um espaço privilegiado de (re)produção e (re)significação das relações saber/poder. Problematizá-las constitui uma forma de ampliar as possibilidades do cuidado de si e do cruzamento de fronteiras delimitadas para as identidades docentes. Essa problematização desestabiliza o discurso pedagógico e as rotinas que as vão construindo, sem levar em conta sua mesmidade de seres complexos, diversos, múltiplos, inseridos num espaço, num tempo, numa cultura. Abordar os processos de subjetivação que atravessam a noção de identidade produzida na escola é investigar como todos nós, envolvidos em seu cotidiano, desenvolvemos sistemas representacionais sobre funções do professor. É (re)dimensionar a construção identitária neste campo, em seus meandros tanto simbólicos quanto sociais.

É preciso que o docente encontre seu “meio termo”, sua singularidade, exercendo sua “autoria” docente, sem dogmatizar o aluno em seu processo de subjetivação, de constituição enquanto autor.

Para ilustrar a singularidade docente recorro a Deleuze que assinala de forma magnífica:

As aulas foram parte da minha vida, eu as dei com paixão. Não são de modo algum como as conferências, porque implicam uma longa duração, um público relativamente constante, às vezes durante vários anos. É como um laboratório de pesquisa: dá-se um curso sobre aquilo que se busca e não sobre o que se sabe. É preciso muito tempo de preparação para se obter alguns minutos de inspiração. Fiquei satisfeito em parar quando vi que precisava preparar mais e mais para ter uma inspiração mais dolorosa [...] um curso é uma espécie de *Sprechgesang* [canto falado], mais próximo da música que do teatro. Nada se opõe, em princípio, a que um curso seja um pouco até como um concerto de rock. (DELEUZE, 1992, p. 173)

A esta busca podemos dar o nome de sintoma, um "fenômeno subjetivo constituído pela realização deformada do desejo" (Pereira; Paulino e Franco, 2010, p. 120). Para Lacan (2008) sintoma é aquilo que o sujeito tem de mais real e este real é aquilo que não cessa de não se escrever, aquilo que não aparece de forma clara. Cada docente, na sua subjetividade, efetiva esta docência sob o peso real do de um sintoma, ou seja, sua função de mestre é um modo de ser do seu próprio sintoma, um modo de expressá-lo. Uma busca constante por algo que não se sabe exatamente o que é, mas que se busca. Para Gallo (2003, p. 85) devemos "educar com a fúria de um cão que cava seu buraco. Educar escavando seu presente, militando na miséria do mundo, de dentro de nosso próprio deserto".

1.5. Das sutilezas da profissão Docente: um estudo de caso

Para Ferreira e Andrade (2015, p. 75) o curso de Pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá tem como objetivo proporcionar uma reflexão coletiva acerca do papel da universidade no contexto atual e também sobre os pressupostos filosóficos, epistemológicos, e pedagógicos que fundamentam o fazer da docência, bem como promover a formação continuada de professores iniciantes ou que já atuam no Ensino Superior. A turma é constituída de vinte professores da Instituição (de áreas variadas), e dez pessoas da comunidade externa (um professor de outra instituição, e nove que pretendem ser, dentre estes últimos, esta que escreve o texto).

Pedimos licença aos colegas da Pós-graduação *latu sensu* em Docência Universitária do Uniaraxá para nos apropriar de suas palavras durante o debate ocorrido em sala sobre o tema "Autoridade docente" dentro da disciplina - "Fundamentos e Concepções Epistemológicas da Prática Educativa no Ensino Superior" ministrada pela Profa. Dra. Maria Celeste de Moura Andrade, no início de 2014. Nos apoderamos somente de suas palavras, seus nomes foram deixados de fora, pois, estas pessoas vão além do nome que carregam, vão além da individualidade que as constitui, reconhecendo-os como autores na perspectiva foucaultiana de fundadores dediscursividades e responsáveis por processos de subjetivação, inclusive o nosso.

Dentre tantos depoimentos carregados da singularidade de cada um, foi percebido algo que os amarrava entre si, a circularidade dos discursos que os constituíram enquanto sujeitos docentes/aprendentes, *escavando seu presente de dentro de seu próprio deserto*. Estes autores, inseridos numa Pós-Graduação em Docência Universitária, buscando uma formação continuada, reconhecendo a importância de desbravar o tema Educação em todas as suas nuances, discursam no que diz respeito à autoridade, dentre tantos:

"Ainda que a autoridade pareça, a princípio, derivar da bagagem de conhecimento que o professor carrega, começo a observar que, mais notável é a sua capacidade de se relacionar com os alunos, corrobo-

rando a ideia de que a autoridade vem de dentro. Emanada, portanto naturalmente do professor que atua como quem respeita o aluno e leva a sério sua missão de educar.”

“Autoridade (em sala de aula) é ter a capacidade de ser o gestor da situação, ou do momento. Exerço a minha sendo exigente. Combino normas de funcionamento de aula (por vezes sendo flexível até entrar em um acordo) com as turmas, onde cobro o atendimento entre todos os itens acordados.”

“Deixo todos cientes que, quando, em período de aula, sou o responsável pelo futuro deles, nosso (como classe profissional) “me pagam” para que eu seja competente, sendo assim precisamos seguir regras de bom convívio em sala.”

“Para construir boas relações com meus alunos tento sempre utilizar da coerência, flexibilidade e bom senso”.

“Penso que autoridade ainda seja algo inerente à profissão docente, só que cada um lida com ela de uma forma peculiar”.

“Na atualidade a autoridade é algo a ser conquistado, é desenvolver uma linha de empatia com o aluno desde o primeiro dia de aula.”

“A autoridade é algo que não pode ser imposto, é algo que vem de dentro para fora. Você, respeitando o aluno e fazendo sua parte no que se refere ao conteúdo, a autoridade acontece...”

Atrevemo-nos a dizer que o que falam sobre o assunto em tela não “importa” se está certo ou errado, seria “normatizador” demais limitá-los a isto ou aquilo, o que vale observar aqui é o que transcende. São docentes tomando posse da condição de docentes e, como tal, de autores. Saindo da posição de “vítimas” da modernidade e buscando trilhar seus caminhos, inventando suas estratégias de sobrevivência, de cuidado de si, que passa sempre pelo cuidado do outro.

Considerações provisórias

O docente parece estar com dificuldades em encontrar seu lugar no mundo contemporâneo. Numa sociedade modificada em que o modelo familiar tradicional deu lugar a infinitas possibilidades, esta descentralização do poder patriarcal contribuiu para o sentimento de desorganização circunscrito na docência. Ao perder seu “pedestal” e ter que se igualar aos seus alunos, o professor sente-se sem referência, e isto enfraquece seu poder, fazendo com que se sinta abandonado, desrespeitado, desautorizado e desvalorizado. Pereira, Paulino e Franco (2011), observam que este discurso cheio de prefixos “des” remete à ideia de uma possível nostalgia, como se em um passado distante houvesse imaginariamente uma valorização profissional que se perdeu na atualidade.

No que se refere à autoridade docente, é importante ressaltar, sobretudo, que existem e talvez tenham sempre existido, representações distorcidas sobre esta, tanto no contexto escolar como na sociedade em geral. Desde os primórdios da educação, é possível observar que a expectativa de poder do professor era localizada mais na perspectiva do autoritarismo do que de fato na noção de autoridade.

de. Com a chegada da democracia e do discurso igualitário, o autoritarismo perde seu posto e a autoridade sofreu uma metamorfose, um deslocamento no contexto da pós-modernidade, deixando o docente sem direção.

Este estudo constatou que a crise da autoridade docente gera nos professores uma angústia que atravessa a profissão. Sentindo-se perdidos, eles têm (no mínimo) duas opções: render-se ao sistema e endossar o discurso do mundo institucionalizado e normatizado ou legitimar o seu próprio discurso, afastando-se deste imperativo moderno e como consequência resgatando a sua autoridade como reconhecimento inerente à sua condição de autor, na perspectiva foucaultiana discutida a seguir.

É preciso que o professor se apodere da condição docente como autor, desapegue-se daquele “pedestal” em que a autoridade já estava posta e encontre seu lugar ali no chão, em meio à multidão e se reestabeleça, usando de todos os seus recursos de saber ou de poder. Do poder do conhecimento ao do “olho no olho”, que ele deixe emergir de dentro de si a autoridade metamorfoseada e relocada em novos moldes na contemporaneidade. Na esfera dessa nova mentalidade educativa é preciso incentivar novos caminhos a serem percorridos e todos eles passam pelas singularidades e multiplicidades dos sujeitos envolvidos. Para Pereira, Paulino e Franco (2011 p. 115) é fundamental que o sujeito “compareça ali onde ele não está ou ali onde o discurso do outro o invade, o desorganiza e o faz produzir sintomas”. Não se espera ser esta reflexão uma resposta definitiva ou a chave para todos os dilemas da docência universitária, apenas uma possibilidade a mais de invenção na busca do docente por legitimidade. E que a cada (re)invenção ele se (re)encontre como autor, sem a angústia de considerá-la a única ou a última. É imprescindível, dada a grandeza e as peculiaridades de se ser docente que elas sejam intermináveis e sempre revestidas por reticências. Como nos fala Silva (1991, p. 9), “alguma coisa está se movendo sob as ruínas da velha escola. Talvez o que vem por aí não seja tão novo, mas será pelo menos, mais excitante, mais vibrante, mais transparente, mais solidário do que o que hoje temos.

Referências

CARVALHO, Alexandre. Função Educador: em busca de uma noção intercessora a favor de experiências de subjetividades ativas. In: Haroldo de Resende(org). **Michel Foucault: Transversais entre educação, filosofia e história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Estudos Foucaultianos) p. 9-24.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERREIRA, Jociene B; ANDRADE, Maria Celeste de M. Formação Continuada de professores universitários: A experiência da primeira turma de pós-graduação em Docência Universitária do UNIARAXÁ. In: **Evidência** -olhares e pesquisa em saberes educacionais. Araxá: v. 11 n. 11. Maio/2015.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, Manuel Barros da.(org). **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1997.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACAN, Jacques. O sintoma. In: **O seminário**. Livro 23. Rio de Janeiro: Zahar, 2008

NIETZSCHE, Friedrich. **Shopenhauer como educador**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. O Relacionamento e seu avesso na Ação do Bom Professor. Lopes, Eliana Marta Teixeira (org). **A Psicanálise escuta a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PEREIRA, Marcelo Ricardo. Autoridade Docente Interrogada. **Extra-Classe – Revista de trabalho e educação**. Editora: Sinpro Minas. Ano 2, n. 2, v. 1- jan/jun 2009.

PEREIRA, M.R; PAULINO, B.O; FRANCO, R. B. **Acabou a Autoridade?** Professor, subjetividade e sintoma. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Os (des) caminhos da escola: traumatismos educacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O professor e o combate à alienação imposta**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

* **Jaqueline Sousa Silva:**

Currículo:<http://lattes.cnpq.br/5158852331037856>

* **Maria Celeste de Moura Andrade:**

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5569891803553823>